

Mulher Negra: possibilidades de trabalho em sala de aula

Maria Antônia Marçal

*Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa
Professora da Rede Estadual de Educação do Paraná*

Este texto integra um conjunto de reflexões desenvolvidas durante a elaboração de um curso de pós-graduação destinado a professores de História e Geografia, sua maioria pertencente à Rede Pública de Ensino do Paraná. A disciplina ministrada, “Mulheres Negras africanas e afro-brasileiras: algumas aproximações” teve como objetivo principal mapear o papel das mulheres nas sociedades africanas, costa atlântica da África e suas possíveis correlações com a ação das mulheres escravizadas no Brasil século XIX. O filme Kiriku e a Feiticeira de Michel Ocelot (1998) fora utilizado para a análise sobre o papel da mulher nas sociedades africanas bem como para se perceber nesta história, pertencente à tradição oral dos habitantes do Zaire, possibilidades de trabalho em sala de aula. Acrescento ainda, as reflexões de Heloisa Pires Lima (2006) acerca da representação do negro na literatura infanto-juvenil.

Destarte, este trabalho será dividido em três momentos: inicialmente pretende-se esboçar apontamentos iniciais entre as mulheres africanas e afro-brasileiras, num segundo momento apresentar-se-á a representação das mulheres na literatura infanto-juvenil (LIMA, 2006) e por fim, a apropriação realizada pelos professores acerca do papel da mulher no filme Kiriku e a Feiticeira.

Ao se falar sobre negritude e/ou identidade negra é preciso compreender como estes sujeitos engendraram formas de resistência à cultura dominante neste momento histórico. Muito embora, não se pretenda neste texto trabalhar com categorias estanques dominantes e dominados objetiva-se compreender a forma de atuação destes sujeitos na constituição e na redefinição de identidades. Em alguns espaços, seja de militância (movimentos negros) seja, institucionais (vinculados às políticas públicas de promoção da igualdade racial em nível estadual e federal) a idéia de uma África idílica ou a idéia de identidade racial associado às religiões afro-brasileiras é muito recorrente. É preciso levar em consideração as diferentes formas que negros e negras que aqui chegaram forjaram sua existência.

Devido à este fato justifica-se a relevância de se discutir o conceito de identidade e de cultura popular. O conceito de identidade ancora-se nas ideias de Barth (1998) o qual a define a partir das categorias nós e eles. Estes elementos demarcam o lugar cultural de um indivíduo. Por outro lado, é importante atentar para a idéia de sincretismo, não como mistura e impureza, mas como ressignificação do

universo simbólico. As ideias de Pierre Sanchis¹ (1995) acerca do sincretismo religioso é de profunda importância para se compreender o processo de construção de identidades, sobretudo a identidade negra, no Brasil. Desta forma, as irmandades religiosas dos “pretos” à época colonial constituem-se como espaço de resistência, de redefinição de identidades. A apropriação cultural é discutida no texto de Chartier (1995) *Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico*² neste texto o autor salienta que a cisão cultura popular e cultura erudita inexistem na medida em que o que está em jogo é o processo de apropriação que grupos e indivíduos fazem de bens culturais.

Os conceitos de cultura popular, identidade e sincretismo permitem elucidar o caminho a ser percorrido em que a mulher negra aparece em tela. Estes conceitos ampliam a visão acerca de negritude e identidade já que a identidade negra forja-se em diferentes espaços.

A importância da mulher nas sociedades africanas aparecem em diversos autores como: Ki-Zerbo (1972), Silva (1992), Priore (2004). Estes autores, sobretudo Priore (2004), enfatizam que amplas linhagens conferiam ao homem posto de reconhecimento e poder junto aos demais, acrescenta-se ainda a força de trabalho garantida por uma extensa prole. Ki-Zerbo, relata que no império do Mali (XII – XV) a mãe de Sogolon Konté, mãe de Sundjata, uma das mulheres do rei Naré Faganha. Trata-se de uma mulher doente que deu luz a um filho doente. Contudo, esta enfermidade permitiu ao então príncipe sair com vida do massacre após a conquista dos mandingas. A cura súbita de Sundjata, herói mítico do Mali está relacionado à retomada do império pelo então denominado, Leão do Mali. Esta narrativa nos mostra aspectos estruturantes da sociedade africana dentre eles destacamos: virilidade, fertilidade e poligamia.

As obras de arte dos estados Yorubás revelam a mulher e seus penteados, para os yorubás a cabeça é mais do que um lugar do cérebro que controla o corpo. Por isso, a importância de penteados e os rituais realizados a partir de desenhos nas cabeças de gêmeos. Os rituais de Gueledê realizados com máscaras de madeira homenageavam as forças femininas do cosmos.

Ki-Zerbo (1972) destaca que no Reino do Congo (XV- XVIII), que reuniu na época de seu esplendor aproximadamente 5 milhões de habitantes, possuía moeda própria, o zimbo. É necessário destacar que a existência de Estados não exclui um modo de vida social estruturado a partir da aldeia, como assinala Lima (2007)³. Neste reino o acesso à terra era matrilinear. Estes elementos permitem perceber a delimitação do feminino nas sociedades africanas.

A importância das mulheres africanas, seja nos rituais de homenagem às forças femininas do cosmos ou no acesso à terra e ao poder cruzou o Atlântico e de

¹ SANCHIS, Pierre. **As tramas sincréticas da história: sincretismo e modernidades no espaço lusu-brasileiro**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. Disponível em http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_28/rbcs28_10.htm

² CHARTIER, Roger. *Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico*. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol. 8, Nº 16, 1995, pág. 179-192.

³ LIMA, Carlos A. M. *Sociedades africanas em transição na época do tráfico de escravos: proposta de guia*. In: COSTA, Hilton & Paulo Vinicius B. da SILVA (org.) **Notas de História e Cultura Afro-Brasileiras**. Editora UEPG/UFPR, 2007, p. 39-78.

certa forma influenciou a estruturação de práticas culturais e religiosas podendo citar como exemplo o Candomblé, onde a mulher tem posição de destaque bem como, outros espaços nos quais a mulher negra vai ganhando visibilidade (como benzedeiras, por exemplo). Silva (2007) enfatiza a importância das mulheres negras na compra de alforrias em Campinas no século XIX.

Ao trazer a tona este novo sujeito histórico, a mulher negra, pretende-se que os alunos e alunas negras reconheçam sua linhagem histórica. Elena Andrei (2007) assinala que a linhagem histórica não se dá por laços de parentesco, mas pelas memórias do nosso passado.

A memória acerca dos negros no Brasil encontram-se inscritos em diferentes espaços de aprendizagem, o formal e o não-formal. Denominamos de espaço formal, a escola e de não-formal, outros meios de ensino-aprendizagem presentes em nossa sociedade tais como: a televisão, jornais, revistas, entre outros. Muitas vezes, estes espaços lapidam a imagem do negro submisso, dominado pelo homem branco, paulatinamente, estas construções sociais estão sendo questionadas e/ou reelaboradas.

Heloisa Pires Lima (2008) analisa a representação de negros e negras em livros infanto-juvenis em diferentes momentos históricos: década de 30, 40, 50, 70, 80 e 90. Procurarei focar a análise realizada pela autora sobre as mulheres negras. Estas são representadas como empregadas domésticas/escravizadas, bobas, dotadas de pouca inteligência. Na obra de Monteiro Lobato "Sítio do Pica-Pau Amarelo" este estereótipo fica mais evidente. A personagem da Tia Nastácia representa, segundo a autora, o saber popular, a praticidade já que é a única que trabalha nas histórias. Lima (2008) observa que a análise de uma obra literária envolve uma gama de elementos sendo que a ilustração é um fator de peso. A ilustração referente à tia Nastácia é feita de forma grotesca, em alguns casos, assustadora. A imagem remete a falta de limpeza, burrice, entre outros. A autora salienta ainda que, é necessário atentar para representações mais respeitadas para com a população negra em livros infanto-juvenis.

O olhar do professor

Mas, uma questão paira no ar como os africanos e os afro-descendentes estão representados no imaginário do professor de História? Como este professor interpreta as imagens sobre a África? Será que a representação da África e dos afro-brasileiros ainda está assentada em estereótipos presentes em nossa sociedade?

O filme *Kiriku e a feiticeira* de M. Ocelot (1998) apresenta uma outra imagem de heróis que de certa forma se contrapõe aos clássicos ocidentais como: Bela Adormecida, Rapunzel, Cinderela, entre outros. Ocelot trouxe para as telas a saga de um herói negro numa aldeia africana. Seu nome é Kiriku, cuja inteligência, esperteza e coragem espantam a todos da aldeia, Kiriku diferente de outras crianças nasce sozinho e é encorajado a todo instante pela mãe a vencer seus medos e a desafiar Karabá, a feiticeira. Kiriku anseia por saber a origem da maldade em Karabá nesta busca encontra o amor. Esta narrativa foi apresentada aos professores para que após a discussão eles apresentassem de forma textual uma análise acerca da

representação da mulher negra na sociedade africana e brasileira buscando aproximações possíveis.

Podem-se centrar as análises do grupo de professores, na sua maioria constituída por mulheres, a partir de três elementos: uma aproximação com a narrativa apresentada já que se percebeu nos textos uma dificuldade de se apontar características das mulheres nas sociedades africana e brasileira. Contudo, nota-se de forma recorrente a identificação destas mulheres com a firmeza daquelas mulheres africanas, a capacidade de dirigir seus lares sem a presença de um homem. A opressão masculina aparece como uma tônica recorrente nos textos dos professores, este olhar pode nos remeter a uma identificação, destes sujeitos, com Karabá, a feiticeira. Uma mulher que odiava os homens já que afirmava não querer ser empregada deles.

Outro elemento a ser destacado diz respeito á dificuldade de se entender os elementos estruturantes da cultura das sociedades tradicionais africanas (Costa Atlântica) tais como: a oralidade, o binômio bem e mal como face de uma mesma moeda. Destacam-se ainda a incompreensão das “branquitudes e negritudes” como elementos estruturantes das relações raciais no Brasil, ou seja, a identidade é um conceito que precisa ser compreendido na sua complexidade do contrário há uma tendência em se perpetuar posturas estereotipadas com relação a estes grupos étnicos.

E finalmente, as formas de apreensão desta narrativa conduziu alguns leitores à uma postura eurocêntrica acerca da educação e o universo feminino nas sociedades tradicionais africanas. Neste contexto, explorar as noções de opressor e oprimido, machismo x feminismo são categorias que fazem sentido na nossa sociedade que está acoplado ao fortalecimento do capitalismo e a inserção da mulher no mundo do trabalho de forma mais intensa.

Há que se ampliar o olhar para se perceber a dinâmica de um grupo social (sociedades tradicionais africanas) que não se congela no tempo que sofre influências internas e externas já que os seus sujeitos, homens e mulheres, se transformam e transformam a sociedade a seu redor.

O Filme Kiriku e a Feiticeira possibilitou o diálogo entre a história de vida do grupo de professores e parte da história de uma nação cujo conhecimento ainda está em construção entre nós. Percebeu-se que os textos dos professores revelam de forma abrangente as seguintes posturas: de caráter militante, o filme como elemento de contra-discurso numa sociedade multirracial e racista; como bandeira de luta em favor das mulheres na atualidade; e, finalmente, construções que denotam uma postura eurocêntrica e “imparcial”, se é que se pode assim dizê-lo, no que diz respeito as questões étnico-raciais no Brasil. Pode-se afirmar que os textos produzidos pelos professores revelam silêncios e posturas aguerridas tal qual se evidenciou em artigo anterior acerca da representação do almirante negro no imaginário de alunos do Ensino Fundamental. O enfrentamento das questões raciais em nosso país ainda se dá de forma tímida entre muitos professores que hoje ou amanhã estarão em sala de aula.

Bolando aulas

Tema: Mulher Africana

Número de aulas: 03 ou 05

Turma: 5^a

Objetivos:

- Conhecer a história de Kiriku e alguns elementos estruturantes das sociedades tradicionais africanas tais como: bem e mal;
- Perceber outras formas de organizações sociais;
- Conhecer a África berço de nossos ancestrais;

Justificativa

Conhecer a história da África tem sido um grande desafio que se coloca para os professores na atualidade. Assim, a partir de um desenho Kirikou e a Feiticeira produzido por Michel Ocelot (1998) pretende-se a partir deste filme mostrar uma outra imagem do continente africano. Os alunos conheceram sem olhar de piedade a história de uma nação, a forma de organização de uma sociedade. Desmistificar a África é o primeiro passo para se encarar outros desafios como: o preconceito e a discriminação.

Metodologia

Inicialmente, o professor traçará em linhas gerais para a turma o objetivo da atividade e imediatamente, deve solicitar aos alunos que façam um relatório do filme. Este deve conter elementos como: produtor, ano de produção, nome do filme, país que produziu, entre outros.

O segundo passo após a exibição deste é a elaboração de histórias em quadrinhos a partir do filme assistido. O professor irá destacar no quadro pontos significativos que cada fileira terá o compromisso de destacar na sua história em quadrinhos. Ao produzir uma história em quadrinhos, o aluno construirá uma outra narrativa histórica e ao analisá-las o professor poderá perceber nos desenhos elementos que denotem preconceito e/ou discriminação racial e junto com os alunos discutirem sobre a temática em questão utilizando um dicionário, a constituição federal do Brasil para deixar evidente o quão errada é essa postura.

E por fim, o professor poderá envolver-se numa atividade mais abrangente, por exemplo, montar uma peça teatral a partir do filme trabalhado. Os alunos poderão construir o roteiro da peça.

Avaliação

A avaliação será realizada a partir do desenvolvimento das atividades propostas e poderão integrar uma das etapas de avaliação da turma.

Observação: Esta atividade foi realizada no ano de 2009 com alunos de 5ª série e teve um engajamento grande dos alunos na participação da peça de teatro que aconteceu no dia 20 de novembro. Recomenda-se que esta atividade seja realizada com professores de outras disciplinas como, por exemplo: Arte.

PARA SABER MAIS:

ANDREI, Elena Maria (org.). **Cultura Afro-Brasileira: civilizações africanas**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2007.

BARTH, Fredrik. **Grupos Étnicos e suas Fronteiras**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol. 8, Nº 16, 1995, pág. 179-192.

KI-ZERBO, Joseph. **História da África Negra**. Publicações Euro-América, 1972.

LIMA, Heloisa Pires. Personagens Negros: um breve perfil da literatura infanto-juvenil. In: MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: 2008.

LIMA, Carlos A. M. sociedades africanas em transição na época do tráfico de escravos: proposta de guia. In: COSTA, Hilton & Paulo Vinicius B. da SILVA (org.) **Notas de História e Cultura Afro-Brasileiras**. Editora UEPG/UFPR, 2007, p. 39-78.

PRIORE, Mary Del & VENANCIO, Renato Pinto. **Ancestrais: uma introdução à África Atlântica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

SANCHIS, Pierre. **As tramas sincréticas da história: sincretismo e modernidades no espaço luso-brasileiro em**
http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_28/rbcs28_10.htm

SILVA, Lucia Helena Oliveira. A escravidão dos povos africanos e afro-brasileiros: a luta das mulheres. In: **Cultura Afro-Brasileira: civilizações africanas**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2007.

SOIHET, Raquel. **Condição Feminina e Formas de Violência: mulheres pobres e ordem urbana 1890-1920**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SOUZA, Marina de Mello. **África e Brasil Africano**. São Paulo: Ática, 2006.